

DURÃO, FABIO AKCELHUD. *METODOLOGIA DE PESQUISA EM LITERATURA*. SÃO PAULO: PARÁBOLA, 2020.

Yuri Brunello¹
Bárbara Costa Ribeiro²

O livro *Metodologia de pesquisa em literatura*, publicado em 2020, aos cuidados da Parábola Editorial, dá nova voz a alguns estudos conduzidos por Fabio Akcelrud Durão, referentes tanto ao processo de pesquisa em literatura, hoje, no Brasil, quanto ao próprio espaço que a literatura ocupa na academia. A escrita e a organização da publicação se desenvolveram paralelamente a outros projetos do autor, tendo seus capítulos sido preparados entre Canadá e Brasil, ao longo de um estágio de pós-doutoramento, principalmente. Considerando, assim, os fatores de sua gênese, a obra encarna uma perspectiva teórica que reflete as preocupações inerentes a qualquer pesquisador de literatura no Brasil, em qualquer estágio de sua carreira. Trata-se de uma obra formacional importante para o campo de seu interesse, não só por se centrar, muitas vezes, na figura do aluno (seja o de graduação, que almeja seguir o caminho da pesquisa; ou o de pós-graduação, que, já estando no espaço em questão, busca entender mais profundamente os procedimentos de seu *métier*), mas também porque o faz de maneira reflexiva, avaliando os diversos aspectos que movem as engrenagens acadêmicas do país – o

¹ Professor do Departamento de Letras Estrangeiras e do PPGLetras da Universidade Federal do Ceará (UFC): <yuri.brunello@ufc.br>.

² Doutoranda do PPG Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC): <costaribeirobarbara@gmail.com>.

que termina por promover, de modo arrojado, uma sobreposição entre o caráter instrucional do texto, o estímulo reflexivo e a avaliação crítica que dele decorrem.

Na “Breve nota introdutória”, a postura teórica que se estabelece é a de que o livro, em relação à literatura, não concebe a *metodologia* que professa como “um instrumento neutro de trabalho” (p. 9), a partir do qual se possa extrair uma fórmula científica adaptável a todo campo de saber. Na verdade, o reconhecimento de uma possibilidade de fazer científico em literatura, para o autor, parte da ideia de que há momentos em que literatura e método científico não se tocam. Essa tensão é determinante não só em relação ao tom do livro, mas a qualquer trabalho de pesquisa conduzido no campo literário, segundo ele. Um dos objetivos norteadores do texto, portanto, é apontar e explorar a tensão que surge desse confronto entre os dois âmbitos, literário e científico.

A tensão ocorre porque a literatura “nunca será capaz de estar à altura da exatidão que habita o núcleo do conceito estritamente científico de pesquisa” (p. 9), principalmente porque aspectos como a verificabilidade de um pressuposto, mediante experimentos laboratoriais, por exemplo, ou a objetividade do resultado, conquistada com o apagamento do sujeito condutor da pesquisa, não são noções aplicáveis ao investigador da literatura e ao próprio fenômeno literário – já que suas experiências partem necessariamente da relação de um sujeito com a leitura e sua percepção inteligente.

Dessa forma, ao mesmo tempo em que a literatura parece, a princípio, apresentar certa fragilidade – sugerida pela demanda científica – em relação à sua insubordinação metodológica, ela é também “capaz de deslocar a ideia de pesquisa, apontando para dimensões de sentido que de outra maneira dificilmente viriam para o primeiro plano” (p. 10).

Uma das principais contribuições da literatura para a própria compreensão do que sejam ciência e pesquisa está no não apagamento do sujeito que empreende seu trabalho, sendo esse um dos principais argumentos defendidos pelo autor do texto, a saber, a ideia de que não pode haver pesquisa sem investimento do sujeito, uma vez que ele é quem enfrenta o texto que analisa e coloca seu corpo, no ato de leitura, como recurso à ciência. Melhor dizendo, dentro do livro em questão, a metodologia da pesquisa em literatura se discute “como um veículo cujo combustível é a inteligência do leitor” (p. 10). Vale ainda apontar que a diferença principal exibida pela obra, enquanto manual, perante outras

que versam também acerca de metodologia em literatura está no fato de que, aqui, o autor confere maior ênfase ao ato de interpretação, próprio a cada leitor pesquisador.

No primeiro capítulo, “Literatura e universidade”, apresenta-se a pesquisa literária como definida pela junção entre interpretação e aparato acadêmico. Faz-se notar que o âmbito acadêmico, a seu tempo, não é o lugar dado, originariamente, à literatura. Perseguindo esse raciocínio, o autor realiza um breve panorama, cobrindo alguns séculos, em relação às funções que à literatura foram atribuídas, até chegar ao século XX, quando ela, no Brasil, é finalmente absorvida pelo sistema universitário.

Ao mesmo tempo em que se dá essa absorção, nota o autor, observa-se também uma perda gradual da função social da literatura e uma conseqüente diminuição de sua relevância aos olhos daqueles que estão fora do bojo acadêmico. A universidade passa, assim, a se assumir como a principal instância de funcionamento da vida literária. Essa mesma universidade vai conceder à literatura, “como nenhuma outra instituição, um ambiente propício para o debate, que pode ocorrer nos cursos ou fora deles” (p. 17). O espaço acadêmico se mostra, então, valioso – mas também um espaço sob risco.

De tal modo, o espaço de trabalho da literatura, a sua posição dentro do mundo acadêmico brasileiro (estabelecido apesar de um apagamento de sua função social), não pode ser dado como um lugar certo, inerente. Ele é “resultado de uma política científica que considera a literatura um objeto possível de pesquisa” (p. 18), mas, segundo aponta o autor, deve ser visto também em sua possibilidade de exclusão. Isso porque, principalmente, “a história da universidade pública no Brasil não é a de uma instituição orgânica, que tenha surgido e se desenvolvido a partir de anseios da população” (p. 20), e, tendo sido construída sobre terreno movediço, um campo de estudo como o literário pode sofrer uma pulverização tão súbita quanto o estabelecimento de sua condição acadêmica.

É necessário ter em mente que “a entrada da literatura na universidade não ocorre de graça, pois o preço a pagar consiste na transformação da literatura em veículo de obtenção de conhecimento” (p. 20). Esse argumento é importante dentro da lógica do autor, uma vez que a literatura, tendo como pagar o preço de sua permanência no ambiente acadêmico – ou seja, a produção de um saber específico, de um conhecimento novo –, deve colocar também, obrigatoriamente,

essa *forma* de saber em questão, a fim de contribuir para a própria manutenção do investimento realizado.

Ao mesmo tempo em que a aferição da literatura por meio de um parâmetro científico possibilitou o alcance de uma maior objetividade ao lidar com esse *corpus* – de modo que a investigação se despojasse da crítica meramente impressionista e de “arroubos pessoais ou cooptações ideológicas óbvias” –, essa aproximação trouxe também o aspecto problemático de uma “estrutura de finalidade” (p. 23), ou seja, a literatura passou a funcionar sob protocolos em que a experiência estética, experiência de prazer e de intersubjetividade, inerente ao objeto artístico, se viu solapada. Esse é, afinal, o problema da produção do saber acadêmico ao tocar um campo em que, nele, ao contrário do que acontece nas ciências exatas, não se pode desmembrar o objeto e o sujeito que o analisa e o percebe. Assim, pode-se antever que a universidade, ao fornecer à literatura o espaço de sua manutenção, em troca, unicamente, da produção de novos saberes, “é tanto aquilo que acolhe e oferece liberdade à literatura quanto aquilo que potencialmente a tolhe” (p. 26).

No capítulo segundo, “O processo de descoberta”, Durão aprofunda-se na discussão sobre o valor da interpretação enquanto mecanismo de pesquisa científica e dispõe métodos de escrita e de leitura afinados à ideia de criatividade e de inteligência pessoais, sem excluir a própria noção do esforço físico e repetitivo que essa tarefa de leitura e escrita, inerente à pesquisa, demanda.

Quando um leitor desenvolve um papel ativo no ato de leitura, é por meio da interpretação que ele pode descobrir o *que* pesquisar em uma obra. Ressalta-se, assim, o valor precioso da interpretação para a pesquisa literária a partir da percepção de que não há experimentos laboratoriais ao se considerarem as primeiras hipóteses diante de uma obra. Esse momento inicial da pesquisa só pode se dar, portanto, via leitura e interpretação, para se chegar a uma hipótese.

“Interpretar significa acrescentar algo à literalidade de um objeto” (p. 28), afirma o autor, e esse ato interpretativo, que traça hipóteses, encarna o paradoxo da “presença ausente” – a interpretação parte dos dados da leitura, mas, ao mesmo tempo, atribui a ela um pensamento novo; a partir dos dados presentes, insere-se o que não está presente, a contribuição criativa do leitor pesquisador.

O que Durão parece mais fortemente estabelecer neste capítulo, portanto, é a ideia de que pesquisar é interpretar, e interpretar uma obra

é transformar a leitura em uma questão. Essa questão se plasma por meio da hipótese interpretativa, e sua proposição integra a intervenção de um sujeito em um texto – sendo que não pode haver pesquisa em literatura sem a intervenção desse sujeito, que se dá “quando algo é postulado por parte do pesquisador, algo que vai além da mera coleta” (p. 29).

Estabelecida, assim, a concepção de uma hipótese a partir da interpretação e da possibilidade de se conduzir um trabalho criativo e crítico escolhendo trabalhar com aspectos não óbvios de um objeto, Durão passa a apontar alguns procedimentos que podem compor, de fato, uma metodologia literária. Esses procedimentos são indissociáveis do ato de leitura. Diz o autor:

A escolha do objeto já é uma oportunidade para o exercício da imaginação crítica e quanto menos evidente ele for à primeira vista, tanto mais interessante poderá ser a interpretação. Ela pode envolver uma visada ampla e articular coisas diferentes, contraditórias ou aparentemente incompatíveis (p. 31).

Ao serem apontadas as possibilidades de articulação de um objeto, começa-se a pensar, no capítulo, de modo mais intenso, os meios de conduzir os procedimentos de leitura e de escrita. Essa relação com o objeto de estudo, para ser frutífera, deve nascer de uma boa interação entre o pesquisador e aquilo que ele analisa. “Uma das maneiras de caracterizar uma boa relação com o objeto de pesquisa é por meio da ideia de apropriação” (p. 33), afirma o autor, apontando a necessidade de que o pesquisador tome o objeto para si, para permitir-se experimentar, usando da liberdade de sua relação com a coisa observada a fim de tomá-la de modos inusitados.

Dessa forma, podem ser combinar combinados, no processo de pesquisa, os fatores da *intuição* e da *intencionalidade*. A intuição partiria dos primeiros momentos da relação com esse objeto, em que a leitura suscita inquietações, perguntas. A intuição, aí, indica um bom caminho de pesquisa em meio ao emaranhado de provocações lançadas pelo texto. Em seguida, a intencionalidade pode ser combinada a esse processo por meio de um repertório de leituras várias, armazenadas ao longo do tempo, pelo leitor: “Uma bagagem vasta propicia articulações imprevistas de textos e de gêneros, além de mostrar à imaginação o horizonte do possível” (p. 34).

Seguem-se ainda outras proposições metodológicas, sempre provocadoras, como “prestar atenção no *modus operandi* da inteligência alheia” (p. 34), no sentido de aprender com a experiência de outros

pesquisadores, com os modos de pensar e escrever de seus pares, com o que já foi pesquisado anteriormente, de maneira que o pesquisador não se veja sozinho em um campo de estudo ou mesmo acredite no engano de uma originalidade absoluta de sua intuição; também se aponta a ideia de que a escrita pode dar conta de qualquer pensamento ou relação, se bem articulada, já que “a liberdade expositiva da escrita acadêmica é considerável” (p. 35), e determinante a essa liberdade é perceber que “qualquer impedimento ou dificuldade pode ser contornado ao ser trazido à tona e explicado” (p. 35); propõe-se também que a estrutura de uma argumentação começa – por exemplo, em relação a um romance – com sua leitura atenta, “decalcando pouco a pouco os elementos textuais que serão consolidados como forma” (p. 36); e se estabelece ainda que uma hipótese de leitura, por fim, não precisa ser necessariamente anunciada desde o princípio do trabalho: “embora seja mais simples e seguro deixar claro no começo a ideia reguladora do texto, não é estritamente necessário ter de dizer ‘minha hipótese de leitura é a de que...’” – essa hipótese, na verdade, “pode ser desmembrada, composta de elementos contraditórios etc.” (p. 37).

Além de todas essas possibilidades de procedimento, uma atitude frente ao objeto de pesquisa se destaca – a leitura cerrada, ou *close reading*. Esse elemento é fundamental para se compreender a centralidade da interpretação na investigação literária proposta pelos fundamentos metodológicos do livro de Fabio Durão. Para assimilar sua importância, observe-se que o *close reading* permite “decalcar do material verbal as passagens ou itens dignos de ser colocados sob a lupa analítica” (p. 4). Ou seja, o *close reading* é o passo necessário a ser dado no intuito de passar da leitura por prazer à leitura que produz algum conhecimento, um saber valorizado pelo trabalho da pesquisa. Essa leitura cerrada, portanto, une o trabalho da paixão ao da demanda científica.

Quanto à leitura cerrada, ainda, é possível decompô-la em três gestos paradigmáticos: “[o] primeiro é o da escolha do trecho ou elemento a ser analisado” (p. 41), a partir de um texto que deve ter sido visitado diversas vezes e com o qual o pesquisador já tenha estabelecido uma relação de intimidade; “o segundo gesto refere-se à imaginação interpretativa do pesquisador, do que fazer com o detalhe selecionado” (p. 41); por fim, “a materialidade decalcada e analisada na leitura cerrada” deve ser articulada “com o argumento desenvolvido” (p. 42), aquele definidor da hipótese. Como aponta o autor ainda, o cenário ideal é aquele em que, afinal, o

resultado desse *close reading* venha a “se articular apropriadamente com a hipótese interpretativa, de modo a se reforçarem mutuamente” (p. 42).

E um dos aspectos mais interessantes a se ressaltar sobre a leitura cerrada é o de que ela pode ser o mecanismo de *produção de sentido* dentro da pesquisa – ela pode conduzir para fora, fazer saltar o elemento inusitado de uma leitura, mas de maneira coesa, seguindo um procedimento comprometido com seu próprio fazer. Nesse processo, é interessante notar que leitura e escrita andam indissociavelmente juntas, e que a escrita, em particular, é o próprio veículo de descoberta das ciências humanas (p. 49).

No terceiro capítulo, “Configurações da institucionalização”, encontramos a reflexão que associa a pesquisa científica de literatura aos moldes burocráticos da universidade, tocando em aspectos como o processo de compartimentalização, a proximidade entre literatura e linguística nos departamentos brasileiros, as próprias noções de “área” e “campo” e o aparato institucional por trás da literatura dentro da universidade.

“O fato de a universidade acolher a literatura significa obviamente que algum tipo de inserção institucional deve acontecer”, aponta Durão (p. 54). Essa institucionalização vem acompanhada de marcas burocráticas que afetam, obviamente, o modo de se fazer das pesquisas e dos trabalhos científicos. A proximidade entre linguística e literatura, nos momentos de institucionalização desta última, explica, por exemplo, porque a pesquisa literária acabou se afastando de outras áreas:

Tal proximidade foi determinante para a constituição da área e de todo o aparato institucional que lhe dá suporte, principalmente a estruturação de cursos de graduação. Essa inserção institucional acabou afastando a literatura de uma interlocução mais frutífera com a história, filosofia, sociologia e antropologia (p. 55).

A área de Letras – em que se enquadra a literatura –, portanto, encontra-se em um local de relativo isolamento. Essa estabilidade é própria de sua origem e de sua constituição como uma grande área, por assim dizer: “Como são unidades administrativas, as grandes áreas são bastante estáticas, pois estão menos ligadas a conteúdos científicos específicos do que à política acadêmica em geral” (p. 55). Ao mesmo tempo, no interior das áreas, existem os *campos de pesquisa*, os quais “não se alteram de acordo com o plano de gestores, sejam eles acadêmicos

ou não, mas segundo o desdobramento da produção dos pesquisadores” (p. 55).

Isso pode representar um ganho. Essa noção de campo, dentro de uma área muito maior, demonstra o aspecto coletivo da ciência, já que o campo possibilita a promoção e a integração de um debate mais organizado entre as vozes que o compõem, e também otimiza a sua produtividade, uma vez que “certos percursos de descoberta não precisam ser realizados de novo”, assim aproximando os pesquisadores interessados no conjunto de questões que compõe um campo determinado (p. 56) e evitando a repetição exaustiva de certos recortes e análises, pela simples troca de informações de interesse comum.

O campo pode funcionar como uma espécie de “leão de chácara”, por assim dizer, ou *gate keeping*, como o autor prefere, em relação à profusão de pesquisas e trabalhos dentro de uma área da ciência. Ele permite que os pesquisadores se vejam, convivam e compreendam em que estado se encontram os seus objetos de pesquisa compartilhados. Dessa forma, o papel do *gate keeping* é ainda mais essencial para a área de Letras, pois ela, dada a uma natural profusão, “não se funda sobre um fenômeno empiricamente sólido” (p. 56).

Procedendo ao estabelecimento de uma metodologia possível, o autor avança em seu argumento, no capítulo três, refletindo sobre as demandas institucionais e a produção de determinados gêneros acadêmicos. Discorre, assim, sobre os projetos, sobre a necessidade de sua objetividade e da construção de uma hipótese interpretativa inicial. Menciona ainda aspectos como a própria incoerência de pensar “a metodologia”, para as letras, dentro de um padrão das ciências exatas (p. 67) e encerra o capítulo comentando sobre formatos acadêmicos como artigo, capítulo de livro e livro.

Aqui, o autor chama a atenção para um princípio norteador importante: “[o] artigo, capítulo ou livro específico deve ser o resultado do processo de pesquisa, e não sua motivação” (p. 70). Isto é, em um mundo ideal, uma publicação nunca deveria anteceder a necessidade de se fazer pesquisa, mas sim o contrário – publica-se por haver uma pesquisa em curso, de modo que a publicação decorre naturalmente daquela última. E finaliza abordando, de maneira mais específica, os processos de produção de uma dissertação e de uma tese, em suas diferenças e semelhanças.

O capítulo três é, então, encerrado com a seção “Algumas dicas de pesquisa” – parte que, segundo Durão, a princípio não se encaixava no corpo do texto como um capítulo único e, ao mesmo tempo, parecia merecer destaque especial (p. 77). As dicas consistem em 20 tópicos listados, por meio dos quais o autor organiza alguns apontamentos diretos ao leitor, lançando luz sobre dúvidas precisas acerca das melhores escolhas em relação à escrita e à produção da pesquisa.

Após os três capítulos, há, na obra, a inserção de alguns apêndices, respectivamente intitulados: “Discutindo a máquina acadêmica” (este desenvolvido em coautoria com o pesquisador Tauan Tinti), “O financiamento da pesquisa em literatura” e “Notas para a avaliação”. Os apêndices são importantes para a constituição da obra, porque trazem artigos que ampliam aspectos específicos e importantes dos problemas, de ordem reflexiva e crítica, que surgiram ao longo do traçado de uma metodologia possível à literatura, nos capítulos anteriores.

Em “Discutindo a máquina acadêmica”, o primeiro passo que procuram os autores é “desfamiliarizar o quanto parece ser natural a inserção da literatura na máquina acadêmica” (p. 82), no sentido de desmembrar, a partir disso, qual seja o funcionamento dessa máquina acadêmica a ditar os ritmos da produção em Letras. Uma vez que a literatura produz o conhecimento científico que se pede em troca de sua posição dentro do circuito universitário, a instituição, ao mesmo tempo, mantém olhos vigilantes sobre a produção desses corpos pensantes em seu espaço.

Avaliações institucionais e medições da produção discente e docente são expedientes frequentes como forma de aferir a moeda do conhecimento paga pela literatura, e são esses alguns aspectos explorados pela argumentação do artigo no sentido de apontar o fato de que essa demanda acaba formando um movimento paradoxal e irônico: a produção que visa cobrir o débito da pesquisa, sem que necessariamente algo de *novo* esteja sendo produzido. A questão dos gestos repetitivos, da cascata de trabalhos ou da redundância de áreas que se reproduzem para garantir uma sobrevivência desse espaço literário na academia pode ser melhor compreendida graças ao estudo de caso que aparece na segunda etapa desse primeiro apêndice, com foco em uma série de dados sobre as linhas de pesquisa em Letras, dos programas de pós-graduação brasileiros, fazendo-se a contagem da ocorrência de um termo em

específico, por vezes esvaziado de sentido claro, mas insistentemente presente no nome dessas linhas de estudo (trata-se da palavra *memória*).

No apêndice II, “O financiamento da pesquisa em literatura”, reflete-se sobre o fomento às pesquisas na área de Letras, pensando em que medida o dinheiro pauta (para pior, ou para melhor) as relações entre o trabalho de pesquisa, os resultados desse trabalho e a carreira do pesquisador, em meio ao ritmo frenético da rotina acadêmica e da demanda de produção, passando ainda pela construção social do profissional de Letras e do pesquisador (imagens não exatamente claras no imaginário popular, o que acaba por invisibilizar, também, os resultados práticos do ofício).

No último apêndice, “Notas para a avaliação”, o autor discute o aparato institucional que avalia e mede a produção e a saúde dos programas de pós-graduação em Letras, no Brasil. Suas análises partem sobretudo do padrão de avaliação adotado por agências como a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), padrão em relação ao qual o autor propõe modalizações, trocas, ajustes, pensando uma condição ideal possível e a contrapartida da realidade institucional.

Metodologia de pesquisa em literatura, enfim, configura-se como um livro importante e necessário, constituindo um extenso e articulado mapeamento conceitual para entender o processo de produção da pesquisa estético-cultural, de forma que o pesquisador possa abordar a análise literária da maneira mais criativa e eficaz possível. A reflexão teórica de Fabio Durão sobre a prática da pesquisa abrange um leque conceitual surpreendentemente amplo, chegando a propor uma revisão das premissas que norteiam os estudos literários atualmente realizados no Brasil (ainda que a maioria das ideias propostas no texto digam também respeito a muitas pesquisas levadas a cabo no exterior), assim como as modalidades de avaliação de tais estudos. A lucidez das argumentações propostas em *Metodologia de pesquisa em literatura* consegue facilmente mostrar que é preciso e urgente “submeter todo o aparato que dá origem à pesquisa ao crivo crítico e a certa *postura* investigativa” (p. 14).

O estudo, portanto, nunca deixa o leitor se esquecer de que, quando o assunto for a pesquisa em âmbito institucional, será impossível prescindir de questões maiores, como, por exemplo, a problemática das relações de poder:

[...] o enraizamento da literatura no ambiente acadêmico é tão inevitável quanto problemático: inevitável porque [...] a universidade hoje no Brasil é um ambiente social *sui generis*, no qual há mais liberdade para o exercício da literatura; problemático porque esse espaço não é realmente livre, na medida em que se faz reger por princípios que, quando naturalizados e automatizados, facilmente se tornam opressores (p. 14).

A pesquisa literária, portanto, não é somente uma prática, mas uma política, e *Metodologia de pesquisa em literatura* consegue oferecer propostas, ideias e respostas à altura de uma constelação tão ampla.

Recebido: 14/9/2020

Aceito: 1/4/2021

Publicado: 23/6/2021